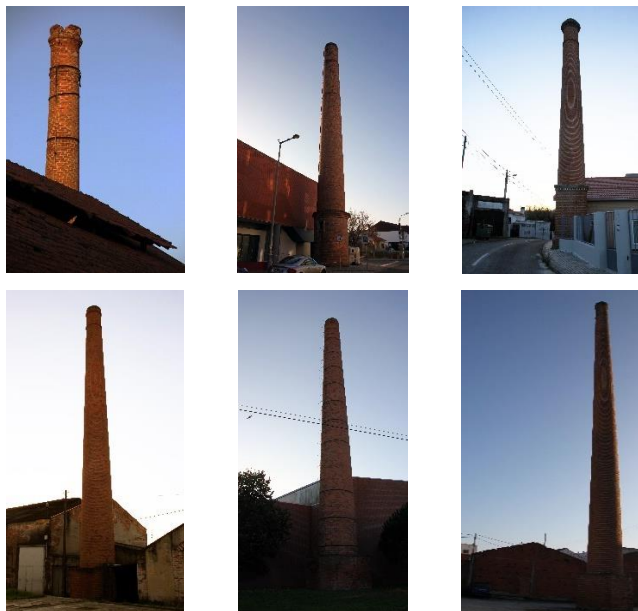


As chaminés industriais



A estrutura das chaminés é dividida em três partes distintas, geralmente de fácil distinção. Fazem parte da sua constituição a base, o fuste e a coroa. A base é a parte inferior da chaminé, onde normalmente se localiza a entrada para o interior para operações de limpeza e manutenção. A base garante ainda a transmissão das cargas para as fundações. O fuste é o componente mais importante

da chaminé, e garante a condução dos gases para o exterior. A sua altura é variável e normalmente tem forma cónica. Finalmente a coroa (Figura 2.6 - à direita) é o elemento do topo da chaminé. A função deste elemento é puramente ornamental. Muitos construtores usavam a coroa como a sua marca de distinção.

Bibliografia

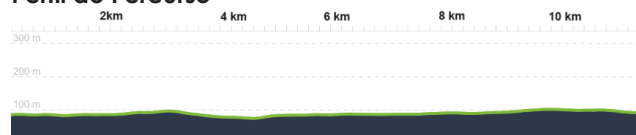
"AS EMPRESAS VIDREIRAS E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL EM PORTUGAL: DA AUTARCIA (1870-1914) À INTERNACIONALIZAÇÃO (1980-2000) José Amado Mendes"

"CHAMINÉS INDUSTRIAIS DE ALVENARIA DE TIJOLO CONTRIBUTO PARA A SUA CARACTERIZAÇÃO" - Nicole Cardoso - Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil FCT UNL 2017

Mapa do Percuro da Rota das Chaminés | Circuito urbano pela cidade



Perfil do Percuro



Percuro: Rota das Chaminés | Circuito urbano pela cidade

Distância: 11,5 Km

Duração: 3 horas

Dificuldade: Reduzido

Piso: Urbano / Alcatroado

Ponto de Partida / Chegada: Arquivo da Marinha Grande / Praça Guilherme Stephens



Mapa do percurso



Track do percurso

Contactos úteis:

Município da Marinha Grande - 244 573 300

Junta de Freguesia da Marinha Grande - 244 502 568

Associação Marinha em Movimento

<https://amm18.pt/>

ROTA DAS CHAMINÉS | MARINHA GRANDE GUIA PERCURSO PEDESTRE DA MARINHA GRANDE



Organização:



Câmara Municipal da Marinha Grande

Divisão de Desporto, Juventude e Associativismo



Associação Marinha em Movimento



Apoio:

Junta de Freguesia da Marinha Grande

Descrição da Rota das Chaminés | circuito urbano pela cidade

Neste Percurso Pedestre, procuramos conciliar o prazer da caminhada com uma viagem no tempo à era da revolução industrial na Marinha Grande, desde o estabelecimento da Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande em 1769 e a grande expansão da indústria no final do séc. XIX, até aos dias de hoje. Ao longo do percurso iremos conhecer as “chaminés” que assinalam a localização de “estruturas industriais” históricas, que desenharam a malha urbana da cidade da Marinha Grande e hoje ainda subsistem como “marcas do território industrial” da cidade.



Detalhe da Fábrica Lusitana de Vidros Angolana, 1920

Enquadramento histórico

Após uma certa dispersão dos fornos de vidro por diversos pontos do país, nos séculos XVII e XVIII e nos primeiros três quartéis do século XIX, a indústria vidreira começou a concentrar-se, sobretudo, na localidade da Marinha Grande, então pertencente ao concelho e distrito de Leiria.

A tradição vidreira daquela povoação remonta a 1747, com a deslocação, para ali, da unidade instalada em Coima (concelho do Barreiro, distrito de

Setúbal, ao Sul do rio Tejo). Tendo esta encerrado por meados dos anos 1760, pouco depois (1769) foi criada, na Marinha Grande, uma nova empresa, explorada pelo súbdito inglês Guilherme Stephens (com um substancial apoio do poderoso Marquês de Pombal) e, após a sua morte, pelo seu irmão Diogo Stephens, falecido em 1826. Acrescente-se que, para a escolha da Marinha Grande como futuro centro vidreiro por excelência, muito contribuiu a existência, nas proximidades, além de matéria-prima em abundância (areia, da qual é extraída a sílica), de uma área de pinhal das mais extensas da Europa, o célebre Pinhal do Rei ou Pinhal de Leiria, cuja plantação inicial tem sido atribuída ao Rei D. Dinis, nos finais do século XIII ou inícios do século XIV. Na década de 1870 foram efetuadas algumas tentativas de instalação de outras fábricas de vidro na referida localidade, mas sem êxito, pois laboraram apenas durante curtos períodos (que, em geral, não ultrapassaram os dois anos). Maior sucesso teve, contudo, a unidade instalada em 1889 por José dos Santos Barosa (1855-1923), a qual esteve na origem de uma moderna e atualizada fábrica de vidro de embalagem, explorada pela firma Santos Barosa – Vidros, SA. (hoje pertencente ao “Grupo Vidrala”).

Por seu turno, na década de 1890 mais 4 unidades foram criadas, entre as quais se contam a Nova Fábrica de Vidros (Ivima), que trabalhou durante mais de um século (1895-1999) e a de Ricardo dos Santos Gallo, fundada em 1899 (por Ricardo dos Santos Gallo Júnior, 1861-1912) e que, também profundamente modernizada e transformada, continuou em atividade, sob a firma Ricardo Gallo – Vidro de Embalagem, SA, (atualmente também “Grupo Vidrala”).

Nas primeiras duas décadas do século XX acentuou-se o ritmo de criação de fábricas vidreiras, não só na Marinha Grande como em algumas outras localidades. De qualquer modo, foi então que aquela se transformou no principal pólo de produção de vidro no país, tendo o número de unidades vidreiras subido de uma, em 1888, para 14, em 1922. Como nesta última data existiam, em Portugal, 36 fábricas de vidro (das diversas modalidades), as 14, instaladas na Marinha Grande, correspondiam a cerca 38,8% do total. Escusado será dizer que foi o vidro que, numa primeira fase, induziu e estimulou o desenvolvimento da respetiva região marinhense. A própria povoação, que permaneceu como uma modesta aldeia até finais

do século XIX, foi elevada, sucessivamente, à categoria de vila (1892), a sede de conselho (1917) e a cidade (1988). É hoje um dos centros económicos mais dinâmicos do país.

Pontos de interesse ao longo do percurso

“Património cultural histórico da antiga Fábrica Escola Irmãos Stephens”

I.I.P. – Imóvel de Interesse Público, Decreto Nº 47508 de 24.1.1967

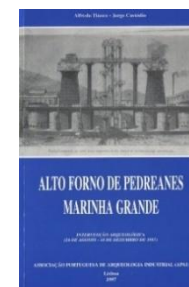


“Património cultural histórico da Fábrica Lusitana de Vidros Angolana

MIP - Monumento de Interesse Público, Portaria n.º 306/2014, DR, 2.ª série, n.º 92 de 14 maio 2014



Créditos de imagem “ERA-arqueologia – conservação e preservação do património



“Conjunto arqueológico do “Alto Forno de Pedreanes”

Digitalização da obra publicada pelos autores Alfredo Tinoco e Jorge Custódio APAI 1997

Fábricas: Ivima, Ricardo Gallo e Santos Barosa.

